

UMA LEITURA HERMENÊUTICA DO PREFÁCIO “SOBRE A ESCOVA E A DÚVIDA” DA OBRA TUTAMÉIA (1967) DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

A HERMENEUTIC READING OF THE PREFACE “SOBRE A ESCOVA E A DÚVIDA” OF JOÃO GUIMARÃES ROSA’S WORK TUTAMÉIA (1967)

Wanúbya do Nascimento Moraes Campello

Universidade Federal do Pará - UFPA - Belém - Pará - Brasil

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

Universidade Federal do Pará – UFPA – Belém – Pará – Brasil

Resumo: De maio de 1965 a julho de 1967, Guimarães Rosa publicou pequenos contos no jornal médico Pulso, do Rio de Janeiro: editado pelo laboratório de Sidney Ross; dirigido pelo doutor Roberto de Souza Coelho, que circulou entre médicos do Brasil inteiro. O autor mineiro enviou 56 contos para o Pulso, dos quais 44 foram republicados, com algumas modificações, em sua derradeira obra Tutaméia (1967). A inovadora publicação, possui quatro prefácios, e “Sobre a Escova e a Dúvida” é o derradeiro destes, este texto foi publicado primeiramente no jornal Pulso em 15 de maio de 1965. O presente trabalho tem como escopo fazer uma leitura hermenêutica da problematização referente à criação literária apresentada pelo autor mineiro no referido texto, ressaltar-se-á neste Prefácio, o fazer literário rosiano, observando nele, sua visão poética da realidade. Neste texto, como afirma, (SIMÕES, 1988) “chega-se ao ponto central da poética do autor: a função da literatura.”. Neste diapasão, entende-se que este prefácio pode ser o ponto de partida para as indagações do autor em torno da literatura. Assim, esta obra enigmática precisa ser estudada em seu diálogo metalinguístico sobre a expressão literária como um plano metafísico que rompe com os planos da lógica. Como referencial teórico para esta análise utilizaremos (ANDRADE, 2004), (COVIZZI, 1978), (NOVIS, 1989).

Palavras-chave: Guimarães Rosa, Tutaméia, Prefácios, Periódicos.

Abstract: From May 1965 to July 1967, Guimarães Rosa published short stories in the medical journal Pulso, from Rio de Janeiro: edited by Sidney Ross's laboratory; directed by Dr. Roberto de Souza Coelho, who circulated among doctors from all over Brazil. The author that born in Minas Gerais sent 56 stories to the Pulso, of which 44 were republished, with some modifications, in his last work Tutaméia (1967). The innovative publication has four prefaces, and “Sobre a Escova e a Dúvida” is the last of these, this text was first published in the journal Pulso on May 15, 1965. The perspective work aims to make a hermeneutic reading of the problematization related to the literary creation presented by the author from Minas Gerais in that text, this Preface will emphasize the Rosian literary work, observing in it, his poetic vision of reality. In this text, as she affirms, (SIMÕES, 1988) "one arrives at the central point of the author's poetics: the function of literature." In this tuning fork, it is understood that this preface may be the starting point for the author's inquiries about literature. Thus, this enigmatic work needs to be studied in its metalinguistic dialogue about literary expression as a metaphysical plan that breaks with the plans of logic. As a theoretical framework for this analysis we will use (ANDRADE, 2004), (COVIZZI, 1978), (NOVIS, 1989).

Key-words: Guimarães Rosa, Tutaméia, Preface, Periodicals

1 Guimarães Rosa em periódicos

Guimarães Rosa contribuiu em alguns periódicos, como *O Globo*. Neste jornal, ele estreou em 07 de janeiro de 1961, com o texto “*De Stella et Adventu Magorum*”, juntamente com Carlos Drummond de Andrade e outros escritores dividiu uma coluna intitulada “Porta de Livraria”. Guimarães Rosa publicou neste periódico, aos sábados, na seção “Guimarães Rosa conta”, vinte e três textos. Seu encerramento na coluna foi com “A Benfazeja”, em 05 de agosto do mesmo ano.

Dez desses contos publicados em *O Globo* em 1961 foram compilados em *Primeiras estórias* (1962), a saber: “Sorôco, sua mãe, sua filha”, “A menina de lá”, “Os irmãos Dagobé”, “A terceira margem do rio”, “Sequência”, “O cavalo que bebia cerveja”, “Um moço muito branco”, “A benfazeja” e “Os cimos”. Já dois desses textos: Zôo e Zoo também foram publicados no jornal da área médica: *Pulso*.

Três dos textos publicados em *O Globo* foram reunidos na sua obra de 1967 (*Tutaméia*): “Hipotrérico”, que foi usado como um dos quatro Prefácios, “Melim, Meloso” e “Nós, os temulentos”, também organizado como Prefácio.

Ainda abordando as contribuições de Guimarães Rosa em periódicos, é relevante citar sua participação no referido jornal de médicos, editado pelo Laboratório de Sydney Ross, dirigido pelo médico Roberto de Souza Coelho, intitulado *Pulso*. Neste jornal, o autor de Sagarana, em 15 de maio de 1965, iniciou sua colaboração para a coluna literária do periódico com a crônica “A escova e a dúvida”. Nesta coluna, Guimarães Rosa alternou-se semanalmente também com Carlos Drummond de Andrade. Desse modo, de maio de 1965 a maio de 1967, o autor mineiro publicou um total de 57 textos. Destarte, o escritor mineiro, posteriormente a *Primeiras estórias*, de 1962, publicou, *Tutaméia: terceiras estórias*, em julho de 1967, seu último livro publicado em vida, pois antecede em quatro meses a sua morte, sem que existisse, aliás, como nunca veio a existir, um livro com as “segundas estórias”.

Assim, sua derradeira obra possui um total de 44 textos. Sendo que deles, 40 contos foram publicados no jornal *Pulso*; 3, no jornal *O Globo* e apenas 1 texto foi inédito, o primeiro prefácio “Aletria e Hermenêutica”. Neste diapasão, *Tutaméia* é, sem dúvida, uma obra que merece especial atenção, pois está repleta de detalhes significativos, para compreensão do seu sentido global. Os paratextos trazidos no livro demonstram as pistas que o autor deixa para a solução do enigma da significação dessa obra. Desse modo, é importante analisar mais detidamente suas partes constituintes, a fim de elucidar a completude que, por vezes, pode parecer inexistente.

Portanto, *Tutaméia: terceiras estórias* é uma obra para ser lida e relida, como o próprio autor incentivava por meio de suas epígrafes. Com o intuito de desvendar estrutural e semanticamente a obra desse autor mineiro, far-se-á uma análise mais acurada em relação aos seus elementos paratextuais, buscando entender as partes para compreensão do todo. Nesse sentido, os Prefácios são alvo da nossa análise, pois demonstram os mecanismos do jogo da linguagem que o autor usou nessa obra, especialmente em seu último Prefácio: “Sobre a escova e a dúvida”, no qual há um cruzamento de discursividades que apontam o resultado da elaboração literária e o discurso sobre esta elaboração, sendo assim, um dos textos mais complexos da obra rosiana de 1967.

2 Prefácios: definições e possibilidades

O prefácio é um elemento paratextual e define-se como uma espécie de esclarecimento, trata-se de uma apresentação escrita feita pelo próprio autor ou por outra pessoa. Quanto ao tratamento gráfico, deve começar em página ímpar, e é o mesmo dado ao corpo do texto, exceto quando se pretende destacá-lo. Quando há casos de uma nova edição da obra, com um novo prefácio escrito, este deve preceder o primitivo, então reintitulado prefácio da 1ª. edição. Para manifestar o seu grau de consciência literária, o autor recorre ao prefácio a fim de determinar: o conhecimento intencional depositado no material

literário; o elenco de técnicas ali atuantes; seus procedimentos práticos; sua função de realização no todo ou em partes da obra.

A principal função de um prefácio de obra literária pode ser a de sintetizar a obra ou orientar-lhe a leitura, como conceito operacional, o prefácio foi definido por Aristóteles como discurso demonstrativo pela apresentação que se faz do assunto a ser tratado no corpo da obra, onde podemos encontrar, geralmente, a razão de existir da obra, há em alguns casos uma vasta explicação de temas, motivos e elementos que podem ser encontrados no corpo do texto.

É considerado um elemento importante para o autor esclarecer-se, prestar contas ao leitor ou introduzi-lo à leitura do texto que se seguirá. Muitos prefácios vão além da mera função demonstrativa, tentam persuadir ou conquistar a atenção do leitor para a visão do autor, esses poderiam ser chamados de prefácios que exercem uma função sinestésica, em que a percepção do leitor deverá fazer conjunto com a percepção do autor.

Outra importante consideração com relação ao prefácio é que o mesmo configura-se como discurso paralelo ao da ficção, ou seja, existe uma diferença entre o ser da ficção e o ser do prefácio, necessariamente o prefácio não quer ser a ficção e para tanto é localizado numa posição externa, como paratexto, o que torna o prefácio, de certo modo, um elemento autônomo, mas, vinculado à obra, uma vez que se refere ao que é tratado na obra literária. Chama-se função pertinente aquela que caracteriza o prefácio, pela sua autodeterminação. Nesse sentido, o Prefácio, como paratexto é o lugar em que o autor se afasta da obra para que ela possa existir. A autora Daisy Turrer (2002, p. 61) discute a questão dos prefácios em *Tutaméia*, pois no livro é o que se lê primeiro e o que fala por antecedência, mas em geral, é escrito por último, para ela:

Guimarães Rosa, ao compor *Tutaméia* com quatro prefácios, parece reforçar esse estranho destino do livro, e querer fazer um livro desse caminho invertido, uma obra na obra, remetendo, ora para o que está dentro, e que, portanto, pertence ao texto que vem a seguir, ora para o que está fora, extrapolando o

texto e lançando-o para um lugar que, no livro, não cabe, porque o atravessa. Assim, termina por demonstrar a impossibilidade de se encerrar, no livro, um livro.

O prefácio seria, então, uma espécie de prova da realidade de um livro, daí a necessidade da sua existência, pois dá fim à escrita, data-a e instaura um fim simulado, o começo do livro e a sua entrada numa outra instância. O prefácio torna-se mais do que uma conclusão, ele funciona como um acabamento da escrita, ele é a última palavra e a seguinte, é um traço recorrente.

No estatuto de paratexto cabe ao prefácio dar a palavra final, Guimarães Rosa instituiu, para além das terceiras estórias, nos quatro prefácios de *Tutaméia*: “Aletria e hermenêutica”, “Hipotréllico”, “Nós, os temulentos” e “Sobre a escova e a dúvida”, um jogo com o próprio livro. Assim, os prefácios do seu último livro subvertem, por sua mobilidade, esse estatuto do paratexto, já que ora o autor os apresenta misturados às estórias, no primeiro índice, ora os apresenta como prefácios mesmo, seguidos do grupo de estórias, no índice de releitura. *Tutaméia* mostra-se o ponto de entrecruzamentos por onde perpassam todas as obras do autor mineiro e, ainda, o ponto onde poderão nascer todas as outras.

Essa é uma obra literária singular, que se destaca dentre todas as obras de Guimarães Rosa, assim como também demonstra, pela criação das marcas paratextuais que o autor lhe imprime, a genialidade do livro como objeto. Podemos pensar em *Tutaméia* como uma obra que sintetiza o universo paradoxal rosiano e que, pela própria estrutura criada, consegue deslocar o ponto de fuga do discurso em duas direções contrárias ao mesmo tempo: para frente e para trás. Tendo a impressão, em meio a esse movimento, de que ao ler os prefácios, ora estamos adentrando no livro, nas estórias, ora estamos saindo do livro, em busca de um lugar que o ultrapasse, que lhe seja exterior. Esse livro de Guimarães Rosa abre-se, pelo jogo instituído pelos prefácios, que são como parâmetros disfarçados que se misturam às estórias, à infinitude da obra.

TURRER (2002) entende a obra como aberta à infinitude, como o círculo da imensidade, o que não

fecha e não termina quando se declara ter terminado. Para a autora, é desse acervo infinito que se ocupa o escritor, cuja ambição consistiria não no fim em si mesmo, mas sim na experiência de atingir o inatingível, a totalidade da obra, mesmo sabendo que ela jamais será apreendida. O que atrai o escritor, o que agita o artista, não é diretamente a obra, é a sua busca, o movimento que ela conduz, é a aproximação daquilo que torna possível a obra: a arte, a literatura e o que essas palavras dissimulam.

Esse movimento é imprescindível à criação da obra, entretanto é daí que surge o desafio imposto pela escrita ao sujeito que escreve: o de ter consciência de que a obra não poderá se realizar no infinito e que só tem valor de verdade e realidade pelas palavras que desenvolvem no tempo e no espaço. Contudo, é esse desafio que faz um escritor, um ser que escreve sempre em busca de atingir, por proximidade, aquilo que o faz criar, o vazio com que se depara e que é comandado pela própria obra, e lá permanece indecifrável. É a partir dessa ausência, que o autor é conduzido em direção ao interior da obra e que lhe escapa, remetendo-o novamente para a margem, para o que está além do que é possível circunscrever, já que o livro teria uma natureza insustentável e paradoxal.

Assim, analisar o trabalho linguístico de Guimarães Rosa no sentido de que o autor ao se deparar com certas coisas, sentimentos e com o quase nada que a linguagem comum não consegue expressar, investe na concretude do trabalho com as palavras, fazendo e refazendo suas formas, distorcendo-as para que elas possam chegar a uma precisão tal que não seja mais possível desvincular a palavra do sentido e do pensamento com os quais o escritor as impregnou.

O último livro de Guimarães Rosa, destaca-se na crítica literária, como a mais polêmica e singular dentre suas obras, tanto pela estrutura irregular de seu paratexto, quanto pela radicalidade da linguagem, levada às últimas conseqüências, e sobre a qual o próprio autor confessou que todas as suas palavras foram medidas e pesadas, postas no seu exato lugar, não se podendo suprimir ou alterar mais de duas ou três em todo livro sem desequilibrar o conjunto.

Em *Tutaméia*, Guimarães Rosa, consegue evidenciar mais fortemente, no próprio espaço do livro, o vazio da obra. Esse vazio é sustentado pelo universo paradoxal criado pela sua linguagem, que troca o que já é assimilado, comum, por aquilo que é incomum, causando pelas inversões propostas na obra, um obstáculo e um estranhamento ao pensamento habitual do leitor, tanto nos prefácios, como nas estórias.

Esse universo paradoxal dos opostos acaba por deslocar o leitor em diferentes direções que, desestabilizando-o, obrigam-no a se lançar, junto à proposta do autor, para o que está à margem da obra, em busca do que só se deixou entrever pela inversão e pelo paradoxo. João Guimarães Rosa cria a possibilidade de dividir, com o seu interlocutor, o mistério da obra, que se torna, às vezes, transparente. Nesse livro, há, muito fortemente, a presença da natureza fugidia da escrita, que, ao se insinuar por toda a parte, não se deixa desvendar e nem se encontrar no que é dado a ler pela mancha tipográfica impressa, mas no que dela escapa e, como que refrata, emerge anunciando-se nos vazios e nas entrelinhas. Em *Tutaméia*, pelos interstícios da linguagem usada, ela se abre em movimento ao infinito, pois a obra não se fecha.

Com a publicação desse livro em 1967, Guimarães Rosa criou um espaço cambiante na própria obra, no qual ele mesmo propicia como escritor, a condição de risco à sua solidão. Por meio dos quatro prefácios que se mesclam às estórias, o autor consegue derrubar fronteiras rígidas que separam texto e extratexto, confundindo, por essa estratégia, o fim da escrita e o começo do livro. Sem essa demarcação, estórias e prefácios passam a se reenviar um ao outro com uma continuidade, permitindo ao autor o deslocamento em duas direções simultâneas: tanto para o interior do livro, as estórias propriamente ditas; quanto para o exterior, os prefácios.

Tutaméia apresenta-se com o investimento de Guimarães Rosa em apreender, no campo finito do livro, o movimento infinito da obra, por meio da criação

de um objeto que possa abrigar e desabrigar o texto e que, seja e não seja livro.

Dessa forma, esse livro é estruturado como o ponto de entrecruzamento, que é capaz de indicar e legendar toda a obra do autor mineiro e outras, ainda por vir, desconstruindo os limites que determinam o que é dado a ler pelo que lá não está escrito, anunciando, por sua estrutura mesma, a experiência do autor diante do desafio de escrever o livro: a grande aventura que a escrita do livro coloca ao sujeito escritor. Guimarães Rosa faz da escrita de *Tutaméia* um campo que se abre à infinitude da obra, mostrando, ao leitor, nesse livro, o não lugar do livro, o que não se apreende em letra de forma impressa, pois se inscreve desabrigado para além das fronteiras de tempo e espaço.

A construção da escrita de *Tutaméia* é considerada pela crítica literária como a mais polêmica e singular do conjunto da obra rosiana, tanto em relação ao aspecto da linguagem, quanto à construção do livro, que inclui quatro prefácios, mediante os quais o autor consegue assegurar uma grande mobilidade à escrita. Daisy Turrer (2002, p.57) entende esse livro de Guimarães Rosa, como objeto, que jamais cobrirá a extensão da paisagem da obra, o universo de criação do escritor, e que, portanto, ele sempre carregará, e em igual medida, a ausência do que lhe escapa, do que nele não cabe. Para a autora

Guimarães Rosa parece concentrar em *Tutaméia* todas as questões com as quais se deparou como escritor ao longo de toda a sua obra, relativas à ambiguidade que se instaura entre livro e escrita, quer seja do ponto de vista material, como objeto que a abriga, quer seja do ponto de vista imaterial, mantendo a obra ainda desabrigada, fora do livro, como que impressa por matrizes movediças capazes de gravar simultaneidade do pensamento – passíveis, portanto, de múltiplas inscrições.

A última obra publicada em vida desse autor mineiro trilha, assim, um caminho oposto: não o do livro para o circuito comunicacional, e sim do circuito comunicacional para o livro, já que “Hipotrérico” foi publicado em 14.01.1961, “Nós, os temulentos” em 28.01.1961, ambos em *O Globo*, e “Sobre a escova e a dúvida” na revista *Pulso*, em 15.05.1965. Sendo

reunidos posteriormente em livro apenas em 1967. *Tutaméia* constitui-se como livro, a partir desse acervo de fragmentos lançados em tempos diversos, marcados pelo ritmo esparso e datado dos periódicos.

3 Tutaméia: terceiras estórias e seus Prefácios

Os três referidos prefácios foram lançados inicialmente com a autonomia de contos, fora da função paratextual com que foram apresentados mais tarde. Quando reorganizados e abrigados em livro, Guimarães Rosa os manteve na ambiguidade, ora mesclados às estórias no índice de leitura, ora separados das estórias no índice de releitura. Apenas “Aletria e Hermenêutica” era inédito e o único que parece ter sido escrito com a finalidade de prefácio no volume.

Pode-se pensar que o livro *Tutaméia: terceiras estórias*, ao apresentar-se pela escrita do descaminho, sem começo nem fim, sempre recomeça, à deriva de suas infinitas possibilidades, sob o fascínio da linguagem, transformando-se tal como as palavras presentes fora delas mesmas, em um livro fora dele mesmo.

Se uma das grandes críticas feitas a *Tutaméia* é a sua descontinuidade, essa afirmação pode ser refutada quando entende-se a obra de Guimarães Rosa como uma espécie de devir, já que essa descontinuidade mostra um desprendimento em relação às sequências dos acontecimentos, desvendando, assim, uma utopia de criar um livro inconcluso, em permanente movimento.

Guimarães Rosa apresenta, por meio de um paratexto atípico e dos seus quatro prefácios, um livro que é uma imagem difusa, como um espaço indivisivo e sem fronteiras pelo qual o escritor vislumbra à distância um quase nada da paisagem infinita da obra, a nascente de todos os livros.

O livro é, pois, o dispositivo que permite ao escritor o eterno exercício de circunscrever o incircunscrito e a entregar-se à experiência literária que consiste em dar corpo ao incorpóreo, forma ao informe, presença ao que está radicalmente fora do livro, a obra esse círculo da imensidade, espaço que

não se fecha e que escapa ao próprio escritor que vislumbra o seu horizonte, distante e inatingível, sempre por vir. Objeto de fascínio que se escapa, o livro torna-se, a sua ausência em presença ou sua presença ausente, o que confunde irremediavelmente a ilusão da obra com a própria obra.

Distanciado da obra pelo espaço no qual se inscrevem, mas integrados no caso de *Tutaméia*, são os prefácios, que trazem formulações teóricas sobre a literatura e a um só tempo se condensam com a linguagem utilizada por Guimarães Rosa em suas estórias, em busca de uma poética.

Alguns prefácios se pretendem como crítica literária e oferecem um método de interpretação àquilo de que eles falam, obviamente, o sentido do prefácio que aponta para essa função acessória deve ser um prefácio escrito pelo próprio autor, o mesmo da obra literária, realizando uma espécie de auto interpretação.

Há prefácios que atraem a atenção do leitor para a criatividade do autor, prefácios em que o autor pode dissimular, o que na realidade ele pode fazer na obra literária e então, o paratexto - prefácio lhe seria inútil. Num prefácio e texto literário de um mesmo autor pode haver uma linha tênue para distingui-los.

Um prefácio metapoético deve trazer como anuncia o nome, uma forma de metalinguagem do texto poético e desse ponto revelar a consciência técnica que o autor possui de seu texto, deve mostrar uma visão geral da arte literária. Pode ser considerado uma crítica do autor ao seu próprio fazer artístico. A razão desta definição está voltada para os prefácios metapoéticos de *Tutaméia* que traduzem esse fazer artístico. Sobre os referidos prefácios, nos alerta Benedito Nunes:

Registre-se, porém, que a função dos Prefácios não se esgota nesse mister de acesso às intenções das estórias e à linha característica dos personagens. Cada um dá mais do que isso; e quando dizem e sugerem vale para além do grupo de contos com que imediatamente se relacionam.¹

Em *Tutaméia* observamos a utilização dos prefácios como forma inovadora, misturados aos

contos, os prefácios, são percebidos através do índice de releitura indicado ao final da obra. São inovações anunciadas por Guimarães Rosa, rompendo com o estatuto do paratexto. Sem essa indicação final talvez fossem lidos como contos.

Começando pelos títulos, tem-se “Aletria e Hermenêutica”, “Hipotrérico”, “Nós, os temulentos” e “Sobre a escova e a dúvida”. Em primeiro lugar, pode-se notar que os prefácios têm cada um, seu próprio título, diferentemente dos prefácios de outras obras, tanto literárias quanto científicas e que esses títulos, são constituídos de palavras incomuns ou apresentam construções não utilizadas normalmente na língua padrão/formal do cotidiano. Instaura-se, assim, uma necessidade de pesquisa, ou seja, o que significam as palavras, estando elas vinculadas ou não ao contexto.

O prefácio “Aletria e Hermenêutica” apresenta-se numa localização tradicional: antes da narrativa; “Hipotrérico” aparece após 14 contos; “Nós, os temulentos”, após o 22º. conto “Sobre a escova e a dúvida”, após o 33º. conto. Este último, aliás, tem a sua origem na aglutinação de quatro contos publicados anteriormente na revista *Pulso* “Sobre os Planaltos”; “Caderno de Zito”; “Inteireza/Incessância” e “Transtempo”.

“Aletria e hermenêutica” foi escrito especialmente para a coletânea, os outros foram publicados anteriormente em revistas e jornais “Hipotrérico” e “Nós, os temulentos” em *O Globo* e “Sobre a escova e a dúvida”, na *Pulso*.

Os prefácios diferenciam-se do todo do livro por serem longos comparados aos contos, escritos em itálico, somando-se às epígrafes e citações, também em itálico. Em um breve apanhado pelos prefácios temos em, “Aletria e hermenêutica”, no título do prefácio, indicações a respeito de *Tutaméia*, com relação a questão do autor revelar uma preocupação em estabelecer indicadores teóricos e metodológicos para orientar seus leitores. Observemos o levantamento do léxico de Guimarães Rosa feito por Nilce Sant’Anna Martins:

¹ NUNES, Benedito. *Tutaméia*. In: *O dorso do tigre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 208.

ALETRIA. Aletria e Hermenêutica é o título do primeiro prefácio de *Tutaméia* (I, 3/7)./ Massa de farinha crua e seca, em fios muito delgados; tipo de macarrão popularmente chamado “cabelo de anjo” (sent.dic.). // Sent. Fig. Impreciso. Teria o A. pretendido um título jocoso (do tipo “latim macarrônico”) com estranha assimetria semântica? Teria inventado uma metáfora em que “aletria” representa sutilezas, finuras de ling., exigidoras de “hermenêutica” [interpretação do sent. das pals.]? Pode-se pensar também num homônimo neológico criado pelo A. com os elems. A- (pref.neg.) + letra + -ia = ‘privação da escrita’, ‘analfabetismo’.²

Para Nilce Martins, assim, no primeiro prefácio, “Aletria e Hermenêutica”, tem-se que *aletria*, de acordo com o seu significado etimológico, significa ‘fios de massa de farinha com ovos’. *Hermenêutica*, por sua vez, significa *interpretação*. Observa-se, que na disposição dessas duas palavras, não há uma contradição, o que seria apresentado com conectivos do tipo ‘mas, porém, por outro lado, etc.’, entretanto, nota-se a presença de uma conjunção, neste caso ‘e’, que orienta para um entendimento de soma, de compreensão do todo pelo entendimento das partes. Pode-se, também, tomar a palavra “*Aletria*” e dividi-la, em ‘A’ e ‘*letria*’. Lembrando que ‘A’ pode ser um prefixo de negação, e, ‘*letria*’ pode ser uma palavra derivada do vocábulo ‘*letra*’, instaura-se, desse modo, uma aparente ‘negação das letras’.

Entretanto, o vocábulo “*Hermenêutica*”, ou seja, a teoria de interpretação, a junção das partes, pode levar a orientação/instauração de uma produção discursiva com características próprias.

Dessa forma, pode-se entender que o título, “Aletria e Hermenêutica”, sugere uma aparente confusão, e, talvez uma suposta desorganização de pensamentos e ideias, quando do desenrolar da argumentação no primeiro prefácio de *Tutaméia*.

As duas palavras somadas e usadas no título desse prefácio (Aletria + hermenêutica) tratam a obra literária, primeiro, como um labirinto, um emaranhado de fios; segundo pertencente ao universo da filosofia,

de acordo com a significação da palavra hermenêutica. Tratam da maneira como a obra deve ser apreendida pelo leitor. Ou seja, esse primeiro prefácio, “Aletria e Hermenêutica”, trata de dar uma definição à ‘estória’, de como utilizar palavras para se representar uma determinada realidade. Esse prefácio é desenvolvido ao longo de dez páginas. Para o crítico paraense Benedito Nunes, o primeiro prefácio traz uma:

Penetrante reflexão sobre o humor, focaliza, estudando mecanismo das *anedotas de abstração*, o valor do não-senso. O não-senso abeira-nos das coisas importantes que não podem ser ditas. É modo de dizer aquilo para o que falece expressão. Lúdico e revelador, exercita-se, por meio dele, o jogo da linguagem, até o seu extremo limite. Mas não está Guimarães Rosa, naquele como nos outros Prefácios, simplesmente expondo um pensamento teórico, desinteressado, acerca dos efeitos do não-senso. Ao falar a respeito do assunto, exercita-o e pratica-o, haja vista que *Aletria e Hermenêutica* termina com um rol de sentenças que a sabedoria do paradoxo rege, - essa sabedoria, cujo efeito, negativo se a medirmos pelo conhecimento objetivo, tem, como o próprio Guimarães Rosa expressamente admite, a força contemplativa de um *koan* Zen.³

O segundo prefácio provoca no leitor a necessidade de se entender a palavra “Hipotréllico”. Contudo, com a pesquisa, descobre-se que se trata de palavra inventada, um neologismo. Assim, é através da leitura do prefácio que se consegue entender o significado dessa palavra, e, por conseguinte, verificar qual ‘realidade’ ela pode representar. A respeito dessa criação neológica, diz-nos Benedito Nunes que nesse prefácio:

Vem a sustentação do direito à existência da inventada palavra, *hipotréllico* (“antipodático, semgraçante imprizado, indivíduo pedante, importuno agudo, falto de respeito para com a opinião alheia”), fazendo-se, discreta e lúcida, irônica e jocosa defesa do neologismo, necessário enquanto o “termo engenhado venha a tapar um vazio”. Mas tem aquele vocábulo, *hipotréllico*, tal como os que na lógica produzem os paradoxos semânticos, existência autonegada. Pois o hipotréllico, por ser o que é, nega-se a

² MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 20.

³ NUNES, Benedito. *Tutaméia*. In: *O dorso do tigre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 205-206.

ser o que é. Antipodático, afirma-se ao negar-se e nega-se ao afirmar-se.⁴

Enquanto no primeiro prefácio, Guimarães Rosa parece convidar para uma interpretação da mensagem a ser transmitida, aqui ele provoca a pesquisa, e faz surgir a necessidade de se 'entrar' no texto para se apreender o significado de seu título. Seguindo esse raciocínio corroboramos a ideia de Benedito Nunes, que entende:

A verve jocosa desse segundo Prefácio a que nos referimos condiz com uma das tendências marcantes da criação poética em *Terceiras Estórias*, que é o "comique des mots" [cômico das palavras], acompanhamento e reforço do clima de comédia.⁵

No prefácio, "Nós, os temulentos", o título, oposto à "Hipotrécico", apresenta não um neologismo, mas um arcaísmo: "temulento", que significa bêbado, ébrio. Rosa admitiu em entrevista concedida a Günter Lorenz em Gênova, ocorrida em janeiro de 1965, no Congresso de Escritores Latino-Americanos, sua predileção por restaurar a origem da língua:

(...) meu método que implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original. (...) eu incluo em minha dicção certas particularidades dialéticas de minha região, (...) E também está a minha disposição esse magnífico idioma já quase esquecido: o antigo português dos sábios e poetas daquela época dos escolásticos da Idade Média, tal como se falava, por exemplo, em Coimbra.⁶

A temática do duplo é uma das marcas da obra rosiana, pode ser verificada na expressão "nós", que está no título e no decorrer do prefácio, através de dualismos como *realidade x sonho*; *razão x loucura*; *realidade x ficção*. O suporte para o dualismo do texto em questão são as anedotas de um bêbado, Chico, o anti-herói. Há hipóteses na formação de pares entre Chico (personagem) e o autor, ou entre o autor e o leitor, ou ainda entre um pseudo-autor e um pseudo-leitor. Sem definição clara, mas deixando sempre

transparecer os pares. Desse modo percebemos que "Nós, os temulentos", trata da interpretação que o sujeito faz da 'realidade'. Este prefácio deve ser mais que simples anedota de bêbado, como parece. Conta as intempéries pelas quais um borracho se depara em sua simples volta a casa. "Porém, os embates nos objetos que lhe estorvam o caminho envolvem-no em uma sucessão de prosopopéias, fazendo dele, em rivalidade com esse outro temulento que é o poeta, um agente de transfigurações do real"⁷. Para Benedito Nunes, esse Prefácio define uma mudança de tom e de timbre da segunda para terceira parte de *Tutaméia*, assim em "Nós, os Temulentos" temos um:

Prefácio que encadeia numa só história, onde adquirem a continuidade de episódios, anedotas de bêbado, as mais difundidas. Saída para o drama do estar-no-mundo – drama permanente, por certo – a bebedeira alcoólica é somente a manifestação ostensiva da geral tendência humana, da embriaguez, que múltiplas formas têm – da euforia dos coribantes à mania de que Platão trata no *Fedro*, do amor-paixão à loucura, da possessão criadora à infinitude do desejo.⁸

4 "Sobre a escova e a dúvida", prefácio metalinguístico

O quarto e último prefácio, "Sobre a escova e a dúvida", discorre sobre a própria 'realidade', apreendida e vivida e, sobre as consequências advindas da reação do sujeito frente a essa mesma 'realidade'. Esse é o maior dos prefácios e é desenvolvido ao longo de vinte e uma páginas. Ele tem outra característica, pois, é subdividido em sete partes, sendo elas demarcadas por algarismos romanos, em ordem crescente, de I a VII, além de contar com muitas citações e ainda, um glossário ao final.

Todas as sete partes desse último prefácio, embora constituintes de um contexto geral, parecem que tratam, em princípio, de temas diferentes porque, a exemplo dos três primeiros prefácios, apresentam

⁴ NUNES, Benedito. *Tutaméia*. In: *O dorso do tigre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 206.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 207.

⁶ LORENZ *apud* COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa – Seleção de Textos*. Coleção Fortuna Crítica.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1991, p. 181.

⁷ RÔNAI, Paulo. *Especulações sobre Tutaméia*. In: *Pois é*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 16.

⁸ NUNES, Benedito. *Tutaméia*. In: *O dorso do tigre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 208.

uma epígrafe em seus inícios. Então, o que representaria o elemento comum, que provoca a união entre as partes seria o questionamento em relação à função da obra literária.

Aqui, Guimarães Rosa convida a uma verificação de qual dos sentidos ele vai seguir e nos estimula a curiosidade. O título do último prefácio, “Sobre a escova e a dúvida”, apresenta-se com dois assuntos explícitos, o da “escova” e o da “dúvida”, mas, a exemplo do terceiro, não nos fornece maiores esclarecimentos sobre seu tema. Embora sabendo que o assunto supostamente apresentado será o de uma ‘escova’, não se sabe a que tipo de escova ele se refere, se ela é algo material ou abstrato e de que ‘dúvida’ se estaria falando. Seria uma ‘dúvida’ em relação à ‘escova’ enquanto matéria, ou enquanto abstração? Essa ‘dúvida’ seria em relação a essa ‘escova’ ou em relação a uma realidade externa a ela?

Novamente, o autor implanta em seu texto, além da curiosidade, a ‘dúvida’, palavra que já se explicita no título, e o convite são também para nos aproximarmos da mensagem, para compreendê-la. A forma de compreendê-la dependerá da direção que o leitor tomar para a apreensão do sentido do texto como um todo. Nesse sentido, concordamos com Benedito Nunes ao entender que:

De certo ponto de vista, é uma conclusão dos três prefácios anteriores. Nele termina justamente o traçado da estória geral que atravessa as muitas estórias. É onde, sob forma ao mesmo tempo poética e reflexiva, fábula e mito se cristalizam. Em *Sobre a escova e a dúvida* extraem-se as consequências do roteiro percorrido e dá-se fecho provisório ao jogo da Linguagem, que em dois planos paralelos se produziu na obra – um nos contos, outro nos Prefácios.⁹

Essas distinções de *Tutaméia*, ou seja, a apresentação de quatro prefácios em uma só obra, a aparente apresentação de assuntos diversos em cada prefácio, sua distribuição ao longo da obra, bem como a variação em número de páginas de um prefácio para outro, e, até mesmo a subdivisão do último prefácio, fazem despertar algumas indagações sobre o porquê

de quatro prefácios e qual seria a relação entre eles.

Neste artigo, procedemos uma análise do prefácio como elemento paratextual e consideramos a localização desse elemento tradicionalmente no livro. No entanto, o que observamos nos prefácios de Guimarães Rosa é a transgressão e isso nos levou a uma questão principal: até que ponto devem ser caracterizados como prefácios? Texto ou paratexto? Seriam os prefácios as “Segundas Estórias”? O que podemos inferir desse ponto é que há uma proposta clara anunciada nos índices: conduzir o leitor a duas leituras, a primeira, lendo os prefácios como contos e a segunda, localizando-os como paratextos.

A obra se apresenta por outras vias, os prefácios estão inseridos nessa zona de indecisão, entre o dentro e o fora; ora texto, ora extra-texto, num movimento duplo. Guimarães Rosa conduz o leitor às estórias, através de paratextos, construindo o livro por rotas imbricadas, por uma zona de indecisão limítrofe e ilusória, onde o dentro – as estórias – e o fora – os prefácios – interagem de tal forma que se confundem.

Guimarães Rosa ressalta a duplicidade do livro: seu aspecto acessório e seu aspecto essencial, como quer chamar Antônio Candido. O primeiro que deve pertencer a uma ordem finita e estática; o segundo, infinita, enquanto texto, obra de arte.

Resumindo, em “Aletria e Hermenêutica”, Guimarães Rosa sugere uma interpretação de algo, uma ‘realidade’, ainda que abstrata. Em “Hipotrético” ele parece convidar para o ‘novo’, a descoberta de uma ‘realidade’ outra que não a convencional. Em “Nós, os temulentos”, o autor provoca no leitor a busca pelo significado, pela representação da ‘realidade’ de se ser ‘temulento’. E, por último, em “Sobre a escova e a dúvida”, ele convida para uma reflexão, como que querendo que vivenciemos uma dada ‘realidade’.

Por fim, percebemos pelas leituras dos Prefácio de *Tutaméia*, em especial em seu último Prefácio, que nele Guimarães Rosa demonstra um movimento de recriação infinito, tendo em vista a sua releitura solicitada na obra. Portanto, o caráter duplo dos textos

⁹ NUNES, Benedito. *Tutaméia*. In: *O dorso do tigre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 207..

(prefácios-contos) tem relação com a função dada aos textos antes de serem publicados em livro.

Referências

ROSA, João Guimarães. Tutaméia: terceiras estórias. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967, 192 p.

COVIZZI, Lenira Marques. O insólito em Guimarães Rosa. São Paulo: Ática, 1978, 160 p.

NOVIS, Vera. Tutaméia: engenho e arte. São Paulo: Perspectiva, 1989, 138 p.

NUNES, Benedito. O Amor na obra de Guimarães Rosa. Asas da Palavra, Belém, v. 10, n. 22, p. 71-86, 2007.

RÓNAI, Paulo. Especulações sobre Tutaméia. In: Pois é. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 13-21.

_____. Os prefácios de Tutaméia. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário, 16 mar. 1968.

TURRER, Daisy. O livro e a Ausência de Livro em Tutaméia, de Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, 93 p.

SILVEIRA, Rosilene de Fátima Konscianski da; DEBUS, Eliane Santana Dias; AZEVEDO, Fernando José Fraga de. A LINGUAGEM POÉTICA E A CRIANÇA: OUVIR, LER, CRIAR, FRUIR E BRINÇAR. Signo. Santa Cruz do Sul, v.45, n.83, set.2020. ISSN 1982-